

A influência da família no sofrimento psíquico de jovens LGBTQIAPN+

Iasminny Loiola Teixeira*, Keila Andrade Haiashida** e Priscila Andrade Haiashida***

Resumo

Este estudo teve como objetivo analisar a relação entre as dinâmicas familiares e o sofrimento psíquico de pessoas LGBTQIAPN+, buscando compreender de que modo o núcleo familiar pode atuar tanto como fator de risco quanto de proteção. Para tal, realizou-se uma revisão integrativa de literatura, contemplando artigos publicados em 3 bases de dados: Medline, Lilacs e Index Psicologia. A metodologia incluiu critérios de inclusão e exclusão previamente definidos, assegurando rigor na seleção dos estudos. Foram analisados 13 artigos e 1 entrevista, publicados entre 2021 e 2025. Os resultados evidenciaram que práticas familiares baseadas em rejeição e cisheteronormatividade estão associadas a maiores índices de ansiedade, depressão e ideação suicida. Em contrapartida, o acolhimento, a escuta e a validação das identidades emergem como elementos protetivos e promotores de saúde mental.

Palavras-chave: sofrimento psíquico; família; LGBTQIAPN+.

The influence of the family on the psychological distress of LGBTQIAPN+ youth

Abstract

This study aimed to analyze the relationship between family dynamics and the psychological distress of LGBTQIAPN+ individuals, seeking to understand how the family nucleus can function both as a risk factor and as a protective factor. To this end, an integrative literature review was conducted, including articles published in three databases: Medline, Lilacs, and Index Psicologia. The methodology included predefined inclusion and exclusion criteria to ensure rigor in the selection of studies. A total of 13 articles and one interview, published between 2021 and 2025, were analyzed. The results showed that family practices based on rejection and cisheteronormativity are associated with higher rates of anxiety, depression, and suicidal ideation. Conversely, acceptance, attentive listening, and the validation of identities emerge as protective elements and promoters of mental health.

Keywords: psychological distress; family; LGBTQIAPN+.

La influencia de la familia en el sufrimiento psíquico de los jóvenes LGBTQIAPN+

Resumen

El objetivo de este estudio fue analizar la relación entre las dinámicas familiares y el sufrimiento psíquico de las personas LGBTQIAPN+, buscando comprender de qué manera el núcleo familiar puede actuar tanto como factor de riesgo como de protección. Para ello, se realizó una revisión integradora de la literatura, contemplando artículos publicados en tres bases de datos: Medline, Lilacs e Index Psicologia. La metodología incluyó criterios de inclusión

* Mestra em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), especialista em Psicologia Aplicada à Educação pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Professora da Universidade Maurício de Nassau (UNINASSAU), coordenadora do Laboratório de Estudos de Gênero, Sexualidade e Psicologia (LABGESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5793-1322>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0099371854370163>. E-mail: iasminnyloiolapsi@gmail.com.

**Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), mestra em Educação e graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino (PPGEEN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3700-9589>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7365549922021470>. E-mail: keila.haiashida@uece.br.

*** Pós-graduanda em Terapia Cognitivo Comportamental (Faculdade Metropolitana), graduada em Gestão de Negócios em Hotelaria e Turismo pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); graduanda em Psicologia pela Universidade Maurício de Nassau (UNINASSAU). ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4204-7604>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6619410956443709>. E-mail: priscilapaixao79@gmail.com.

y exclusión previamente definidos, lo que garantizó el rigor en la selección de los estudios. Se analizaron 13 artículos y una entrevista, publicados entre 2021 y 2025. Los resultados evidenciaron que las prácticas familiares basadas en el rechazo y la cisheteronormatividad están asociadas a mayores índices de ansiedad, depresión e ideación suicida. Por el contrario, la acogida, la escucha y la validación de las identidades emergen como elementos protectores y promotores de la salud mental.

Palabras clave: sufrimiento psíquico; familia; LGBTQIAPN+.

INTRODUÇÃO

As experiências acadêmicas foram fundamentais para escolha desse objeto de estudo, a saber: a relação entre família e o sofrimento psíquico de jovens LGBTQIAPN+. Destaca-se entre as práticas acadêmicas a participação no “Projeto Escuta Ativa” e nos Estágios Supervisionados I e II do curso de Psicologia.

O Projeto Escuta Ativa foi realizado na Escola de Ensino Médio Deputado Paulo Benevides, localizada no Bairro Messejana, em Fortaleza. O Projeto surgiu do interesse da diretora da escola e de um aluno do Centro Universitário Maurício de Nassau, Unidade Dorotéias, de buscar um espaço de estágio extracurricular. A escola citada tem 1200 alunos em tempo integral, muitos com enorme necessidade de acompanhamento psicológico. Nesse contexto, de parceria entre a universidade e a escola, alunos a partir do 7º semestre foram convidados a participar. A execução no ano de 2024 contou com 8 estagiários divididos nos turnos manhã, tarde e noite, a partir da disponibilidade pessoal.

A participação no projeto ocorreu entre os meses de março a dezembro em situações para além da clínica psicológica convencional, adentrando em um espaço da realidade social na qual os indivíduos estão inseridos, para fazer uma observação e prática em uma perspectiva de clínica ampliada. Essa possibilidade de clínica ampliada possui outra perspectiva, diferente da convencional:

Isso conforma outra clínica, clínica da invenção e da experimentação de práticas que são sempre sociais. O indivíduo e o social aqui só aparecem como formas, expressão de fluxos que se cortam incessantemente, fluxos coletivos, devires sempre outros. A clínica que daí se depreende não se opõe ao social nem o complementa, já que mutação subjetiva e social são apenas formas com que os infinitos processos de diferença podem se expressar (Barros, 2002, p. 136).

Nesse outro espaço de acolhimento, os atendimentos se caracterizavam como aconselhamento psicológico a jovens do ensino médio. Os casos relatados eram diversos, mas

alguns temas recorrentes como: abuso sexual, diversidade de gênero, violência física e simbólica e pornografia.

Essa experiência somada ao Estágio I, II e III foram fundamentais para definição do tema por indicarem que o atendimento aos jovens traz a diversidade de gênero e orientação sexual como aspectos que potencializam o sofrimento psíquico. No caso dos jovens atendidos nas escolas as tentativas de contato com pais ou responsáveis foram ineficazes. Dentre as atitudes que comprometem a saúde mental de pessoas LGBTQIAPN+ a principal é a LGBTfobia, caracterizada por comportamentos discriminatórios, que subjugam as pessoas em função da sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Oliveira e Vedana (2020) analisaram postagens sobre suicídio e depressão na população LGBT, foram identificados 14 blogs, com 916 postagens. Os resultados indicaram que os principais temas estavam relacionados a sofrimento intenso, comportamentos autodestrutivos, vulnerabilidade emocional, rejeição e autodepreciação. Essa é uma das muitas pesquisas que mostram a relevância de abordar a saúde mental para a comunidade LGBTQIAPN+.

Nesse contexto, assumiu-se como problemática de pesquisa o seguinte questionamento: como a família e seus constituintes influenciam no sofrimento psíquico de jovens LGBTQIAPN+? Essa problemática foi abordada sob um viés psicanalítico, pois como afirma Guimarães (2008, p. 74) “a psicanálise consiste nessa articulação íntima entre o real da experiência e a teoria relativa a esse real”.

A hipótese inicial foi que famílias mais conservadoras tendem a rejeitar a diversidade de gênero o que intensifica o sofrimento psíquico desses jovens. A família conservadora na formação sócio-histórica brasileira ficou conhecida como família patriarcal:

O modelo de família patriarcal dominante no Nordeste brasileiro enfatizava a autoridade máxima do pai de família sobre todos os outros membros familiares, num poder incontestável. Tal poder se estendia a parentes e agregados, pois as famílias eram, na verdade, extensos clãs que serviam para legitimar e garantir o poder de seu chefe (Souza; Lima, 2019, p. 151).

Costa (2023) complementa que a família tradicional por ser composta por parentes de sangue eram predominantemente homogêneas, quando se tratava de religião, cultura, classe social e economia. A partilha desses valores, torna a família mais resistente ao “diferente” ou ao que diverge da normatividade.

Esse conservadorismo que apresenta a família como constituída a partir do homem e da mulher ou por laços de consanguinidade, não corresponde à realidade atual, o que levou o campo legislativo brasileiro a configurar um conceito mais amplo e inclusivo, com maior representatividade de grupos sociais, considerando os diferentes formatos, origens e características relativas às mais diversificadas famílias (homoafetivas, mosaico, monoparental, coparental, dentre outras). Todavia, esse reconhecimento legal não foi acompanhado por uma dimensão social e cultural, de modo que, no imaginário de uma parcela significativa da população o modelo de família mais usual ainda é a família tradicional.

Entretanto, independente do modelo, a família possui os membros que as constituem e entre esses membros destacamos a prole. Hoje, temos jovens que vivenciam a diversidade de gênero, nem sempre sendo acolhidos ou compreendidos por suas famílias. Ainda assim, um número significativo diverge da cisheteronormatividade. A premissa que sustenta a noção de diversidade é que enquanto o sexo é uma condição biológica natural, o gênero é uma construção psicológica e sociocultural, que está relacionado à identidade de uma pessoa.

Sobre identidade de gênero e orientação afetiva a pesquisa realizada pelo Espro (2023) identificou uma queda crescente da hegemonia da cisheteronormatividade (padrões pré-estabelecidos de gênero em consonância com o sexo biológico), 5% dos jovens possuem identidades de gênero diversas e 33% possuem orientação afetiva não-heterossexual. Fazendo um cruzamento desses dados, percebemos que 31% dos nossos jovens são não-cisheteronormativos. Destacamos que ainda é muito forte o pensamento dual na sociedade: certo e errado, bom e mal, preto e branco, esquerda e direita, homem e mulher são alguns exemplos, de como é difícil pensar numa perspectiva não dual ou não binária.

Nesse contexto, o objetivo geral do trabalho foi analisar como a família e seus constituintes influenciam no sofrimento psíquico de jovens LGBTQIAPN+.

Para isso, metodologicamente realizou-se uma revisão integrativa com o intuito de identificar autores e obras que abordassem nosso objeto de estudo. Foram utilizadas três base de dados: Medline, Lilacs e Index Psicologia, a partir dos seguintes critérios de inclusão: texto completo, em Língua Portuguesa, publicados nos últimos 5 anos, que tivessem no título, assunto ou resumo os descritores “diversidade de gênero”, “diversidade de gênero AND

jovens” e “diversidade de gênero AND família” e “diversidade de gênero AND família AND sofrimento psíquico”. Os artigos selecionados foram lidos e serviram de subsídio para o referencial teórico deste texto.

METODOLOGIA

A metodologia foi revisão bibliográfica. “A revisão integrativa determina o conhecimento atual sobre uma temática específica, já que é conduzida de modo a identificar, analisar e sintetizar resultados de estudos independentes sobre o mesmo assunto” (Souza; Silva; Carvalho, 2010, p. 103-104).

Desse modo, a revisão integrativa permite a registrar, a partir de um rigoroso levantamento bibliográfico, como se encontra o tema ou o objeto de investigação no estado atual da ciência. Para isso Souza, Silva e Carvalho (2010) apontam 6 etapas para elaboração da revisão integrativa, são elas: 1) elaboração da pergunta norteadora; 2) busca ou amostragem na literatura; 3) coleta de dados; 4) análise crítica dos estudos incluídos; 5) discussão dos resultados; 6) apresentação da revisão integrativa.

Busca por amostragem nas bases de dados

Para iniciar a busca nos repositórios de pesquisa acessamos os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), que tem como finalidade principal servir como uma linguagem única para indexação e recuperação das informações. Pretendíamos utilizar o termo “diversidade sexual”, contudo o descritor listado foi “diversidade de gênero”, prevendo a necessidade de articular outros descritores inserimos também “sexualidade” e “jovens” e ambos estavam listados.

Ao acessar a Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e pesquisar o descritor “diversidade de gênero” sem nenhum critério de inclusão e exclusão identificamos 4462 trabalhos. Ao optar pela Medline esse número caiu para 291. Na sequência inserimos os seguintes critérios de inclusão: texto completo, em Língua Portuguesa, publicados nos últimos 5 anos, que tivessem no título, assunto ou resumo o descritor “diversidade de gênero”, foram encontrados 12 resultados, todavia a leitura dos títulos indicou opções muito distantes de nosso objeto de estudo, apenas 02 trabalhos tinham coincidência. Desse modo, decidimos articular um novo

descriptor, com uso do operador booleano (AND), ao inserir “diversidade de gênero AND jovens”, entretanto o quantitativo de 2 artigos se manteve e esses foram lidos na íntegra.

O mesmo processo foi reproduzido na Lilacs, mas obtivemos uma quantidade maior de trabalhos, talvez por agregar mais áreas da saúde (enfermagem, psicologia, odontologia, dentre outras). Para seleção dos artigos identificados na Lilacs dois critérios foram utilizados para definição da leitura na íntegra: 1) leitura do título, porque foram incluídos trabalhos relacionados ao “racismo e diversidade” ou “aconselhamento contraceptivo” muito distantes de nosso objeto de estudo de modo que foram excluídos; 2) leitura do resumo dos trabalhos. Após esse processo foram selecionados 7 artigos para leitura e análise. Entre os 25 artigos identificados na Lilacs, 3 coincidiam com os selecionados na Medline.

Ao acessarmos a INDEXPSI com o descriptor “diversidade de gênero” só conseguimos definir como critério de inclusão idioma. Nesse caso, primeiro optamos pela Língua Portuguesa e por uma apresentação detalhada dos trabalhos, no entanto, não foi possível definir um interstício. Desse modo, embora tenham sido identificados 14 trabalhos, nenhum foi publicado nos últimos 5 anos. Ampliamos para textos em espanhol, mas o resultado se manteve o mesmo. Ao tentar usar “diversidade de gênero AND jovens” não encontramos nenhum trabalho. Optamos então pela base de dados Index Psicologia e ao usar o descriptor “diversidade de gênero” obtivemos 54 trabalhos com temáticas muito divergentes de nossa proposta, ao usar “diversidade de gênero AND jovens”, o total caiu para 8 artigos, mas os 2 que se relacionam já estavam listados na Lilacs e Medline.

Ao usar “diversidade de gênero AND família” na Lilacs foram identificados 13 artigos a partir dos critérios já listados, desses 4 foram incluídos na análise e 01 está disponível também na Index Psicologia. Ao combinar 3 descritores “Diversidade de gênero AND família AND sofrimento psíquico” não se identificou nenhum artigo, mas foi selecionada uma entrevista com Mar Gonzalés na Medline que aborda aspectos interessantes sobre homoparentalidade.

Quadro 1 – Pesquisa nas Bases de Dados

PLATAFORMA	DESCRIPTOR	RESULTADO QUANTITATIVO
BVS	Diversidade de gênero	4462 trabalhos
Medline	Diversidade de gênero	291 trabalhos
Medline (com critérios de inclusão)	Diversidade de gênero	12 artigos

Medline	Diversidade de gênero AND jovens	2 artigos
Lilacs	Diversidade de gênero	972 trabalhos
Lilacs (com critérios de inclusão)	Diversidade de gênero	164 artigos
Lilacs	Diversidade de gênero AND jovens	25 artigos
Lilacs	Diversidade de gênero AND jovens	07 artigos
Lilacs e Index Psicologia	Diversidade de gênero AND família	13 artigos identificados 4 artigos analisados
Lilacs	Diversidade de gênero AND família AND sofrimento psíquico	01 entrevista
TOTAL DE ARTIGOS UTILIZADOS NA ANÁLISE		14

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Coleta de dados

Conforme anunciado no tópico anterior, a partir dos critérios de inclusão definidos selecionamos 09 artigos para leitura com o descritor diversidade de gênero AND jovens em 3 bases de dados: Medline, Lilacs e Index Psicologia. O quadro que segue sintetiza algumas informações relativas aos artigos.

Quadro 2 – Materiais bibliográficos identificados na primeira triagem

Qtde	Título	Autor	Ano	Base de dados	Tipo
01	Diversidade sexual na escola: estudo qualitativo com estudantes do Ensino Médio do Município do Rio de Janeiro, Brasil	Thenessi Freitas Matta; Stella Regina Taquette; Luciana Maria Borges da Matta Souza; Claudia Leite de Moraes	2021	Medline	Artigo
02	Diversidade sexual: uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência	José Carlos Pacheco da Silva; Rodrigo Ribeiro Cardoso; Ângela Maria Rosas Cardoso; Renato Santos Gonçalves	2021	Medline	Artigo
03	Reconhecimento legal da homoparentalidade e ciência. Uma entrevista com Mar González	Rosana Machin	2024	Medline	Entrevista
04	Características de crianças e adolescentes com disforia de	Beatriz Peña <i>et. al</i>	2024	Lilacs	Artigo

	gênero quanto ao cuidado à saúde: revisão de escopo				
05	Oficina educativa com adolescentes sobre gênero, sexo e identidade de gênero: um relato de experiência	Larissa Beatriz; Francisca de Souza; Maria de Lourdes Alves da Cruz; Maria Isabel da Conceição Dias Fernandes	2023	Lilacs	Artigo
06	Dinâmicas de preconceito contra a diversidade sexual no contexto da universidade	Wellington Magno da Silva; Celso Francisco Tondin; Isabela Saraiva de Queiroz	2023	Lilacs	Artigo
07	Jovens estudantes da periferia urbana de Garanhuns/PE: discursos relacionados à sexualidade	Roseane Amorim da Silva; Jaileila de Araújo Menezes	2021	Lilacs Index Psicologia	Artigo
08	Sentidos atribuídos por jovens escolares LGBT à afetividade e à vivência da sexualidade	Sandra Freitas; Ximena Pamela Díaz Bermúdez; Edgar Mércan-Hamann	2021	Lilacs	Artigo
09	Homicídios da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT) no Brasil: uma Análise Espacial	Wallace Góes Mendes; Cosme Marcelo Furtado Passos da Silva	2020	Lilacs	Artigo
10	Nunca falaram disso na escola...”: um debate com jovens sobre gênero e diversidade	Juliano Bonfim; Marcos Ribeiro Mesquita	2020	Lilacs Index Psicologia	Artigo
11	A cisheteronormatividade e a diversidade dos arranjos familiares: considerações à Terapia de Família Sistêmica	Vanessa de Azambuja Henriques Nardi; Carvalho; Caetano	2024	Lilacs	Artigo
12	Cartografias de Relações Familiares de Pessoas LGBTQIA+ em Cárcere	Mateus Soares de Sousa et al.	2024	Lilacs Index Psicologia	Artigo
13	Sofrimento mental, suporte familiar e empoderamento de pessoas transgênero	José Carlos da Silva Lins, et al.	2024	Lilacs	Artigo

14	A Família Está em Chamas(?): Razão de Estado, Conservadorismo e (Reconhecimento à) Diferença	Fernando Altair Pocahy; Henrique Caetano Nardi	2023	Lilacs	Artigo
----	--	--	------	--------	--------

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

SOFRIMENTO PSÍQUICO COMO CATEGORIA FUNDAMENTAL

O sofrimento psíquico pode ser compreendido como uma experiência subjetiva de dor, angústia ou desequilíbrio emocional resultante de conflitos internos e externos que afetam a constituição do sujeito. Diferente de uma patologia delimitada, trata-se de uma manifestação complexa, situada entre o campo da clínica e o campo social, que expressa as tensões entre o desejo singular e as normas culturais que o regulam.

Na psicanálise clássica, Freud já introduz o sofrimento como uma consequência inevitável da condição humana. Em *O Mal-Estar na Civilização* (1930), ele descreve o sofrimento como o preço da inserção do sujeito na cultura — um efeito da renúncia pulsional necessária à vida em sociedade. A família, nesse contexto, desempenha papel fundamental: é o primeiro espaço de socialização do desejo e também o primeiro lugar de conflito entre o prazer e a norma. Assim, o sofrimento psíquico não decorre apenas de frustrações individuais, mas da tensão entre as exigências do mundo interno e as imposições do mundo externo.

Já para Lacan (1988, 1998, 1999), o sofrimento psíquico se estrutura no campo do desejo e do significante, ou seja, na relação entre o sujeito e o Outro (a linguagem, a lei, o olhar social). O sujeito só se constitui ao ser nomeado e reconhecido pelo Outro, mas esse reconhecimento é sempre parcial, atravessado pela falta e pela castração simbólica. Assim, o sofrimento aparece como o efeito dessa falta estrutural — o sujeito deseja ser completo, mas é atravessado pelo vazio que o constitui.

No contexto familiar, Lacan concebe a família como um dispositivo simbólico em que a função do Nome-do-Pai introduz a lei e a diferença — isto é, o limite necessário à onipotência infantil. No entanto, quando essa função simbólica se torna rígida, moralizante ou excludente, especialmente frente a identidades dissidentes, ela deixa de operar como mediadora e se converte em fonte de angústia e de culpa. O sofrimento, portanto, emerge do excesso de lei, da impossibilidade de o sujeito articular seu desejo dentro de um discurso familiar que o negue.

Em famílias onde a diversidade é negada, o sujeito pode ser “excluído do discurso” — e essa exclusão, em termos lacanianos, corresponde a uma forclusão simbólica: o não reconhecimento de algo que, ao ser rejeitado, retorna sob a forma de sintoma, angústia ou ruptura subjetiva.

Complementarmente autores como André Green e Christopher Bollas também exploram o sofrimento como expressão do desencontro entre o sujeito e seu ambiente simbólico. Green (1983) fala da *morte psíquica* que ocorre quando o sujeito não encontra espaço de representação no desejo do outro — uma noção que dialoga com o apagamento simbólico vivenciado por jovens LGBTQIAPN+. Já Bollas (1987) descreve o sofrimento como resultado da “alienação do self”, quando o indivíduo precisa se moldar a um ideal externo para ser aceito.

Análise crítica dos estudos incluídos

A análise crítica dos estudos incluídos permitiu identificar convergências e tensões entre as produções recentes sobre sofrimento psíquico e diversidade de gênero. Os 14 artigos selecionados foram examinados à luz de uma leitura psicanalítica e sociocultural, de modo a compreender de que forma a família pode funcionar como espaço simultaneamente protetivo e adoecedor. Para fins de organização analítica, os resultados foram agrupados em quatro categorias principais: violência simbólica, suporte familiar, religiosidade e culpa e resiliência afetiva.

Violência simbólica e a reprodução da cisheteronormatividade

Grande parte dos estudos aponta que o sofrimento psíquico de jovens LGBTQIAPN+ emerge não da identidade em si, mas das formas de exclusão e repressão que marcam a socialização familiar e escolar (Matta *et al.*, 2021; Silva *et al.*, 2021; Freitas; Bermúdez; Mércan-Hamann, 2021). As práticas familiares baseadas em rejeição e negação da diversidade operam como mecanismos de violência simbólica, naturalizando o discurso da heteronormatividade como padrão universal.

No estudo de Matta *et al.* (2021), observou-se que adolescentes de escolas públicas relataram atitudes homofóbicas e ausência de políticas de educação sexual que contemplem a diversidade. Silva *et al.* (2021) destacam que valores morais tradicionais e crenças religiosas funcionam como fatores que dificultam a aceitação familiar, expondo os jovens a situações de

violência. Já Freitas, Bermúdez e Mércan-Hamann (2021) relatam episódios de agressões físicas e psicológicas vivenciadas no próprio ambiente doméstico, indicando que a rejeição familiar é um fator determinante de sofrimento emocional e isolamento.

Sob a ótica foucaultiana, tais dinâmicas expressam a ação de um dispositivo de poder-saber que busca disciplinar os corpos e regular os afetos (Foucault, 1976). A família, nesse contexto, torna-se um microespaço biopolítico, em que os sujeitos são interpelados a corresponder a uma forma “legítima” de existir. O controle do corpo e da sexualidade é incorporado desde a infância, e sua ruptura, quando ocorre, provoca conflito e sofrimento.

A leitura psicanalítica contribui para compreender que a violência simbólica se manifesta também no campo do não dito, nos silêncios e rejeições afetivas que atravessam o vínculo familiar. Segundo Kaës (2003), a família constitui um aparelho psíquico grupal sustentado por alianças inconscientes; quando um de seus membros rompe com as identificações normativas, ameaça-se o pacto narcísico que sustenta o grupo. A recusa familiar frente à diversidade de gênero, portanto, pode ser entendida como resistência à desorganização do imaginário familiar e à perda de seus ideais identificatórios.

Suporte familiar e reconhecimento

Por outro lado, há estudos que enfatizam a presença de famílias que desempenham papel de suporte afetivo e proteção. Lins *et al.* (2024) mostraram que o suporte familiar, quando existente, atua como importante fator de resiliência, associado à diminuição de sintomas depressivos e ansiosos entre pessoas transgênero. De forma semelhante, a entrevista conduzida por Machin e González (2024) aponta que famílias homoparentais oferecem ambientes saudáveis e acolhedores, contrariando estigmas sociais.

Butler (2003) destaca que a vida só se torna plenamente reconhecível quando o sujeito é validado simbolicamente por meio do olhar do outro. O reconhecimento familiar constitui, assim, um ato ético e político de legitimação da existência. Kaës (2003) complementa que o acolhimento e a aceitação familiar fortalecem o contrato narcísico, permitindo ao sujeito manter laços simbólicos que sustentam sua identidade.

Essas evidências reforçam a necessidade de compreender a família não apenas como estrutura normativa, mas como espaço potencial de reconstrução dos vínculos e da

subjetividade. O suporte emocional e o reconhecimento identitário configuram-se como práticas protetivas que favorecem o desenvolvimento psicológico e social.

Religiosidade, culpa e sofrimento

Outra dimensão recorrente nas pesquisas diz respeito à culpa moral e religiosa que permeia as interações familiares (Silva *et al.*, 2021; Carvalho; Pocahy e Nardi, 2023). As crenças religiosas tradicionais, fortemente enraizadas em valores patriarcais e binarismos morais, são frequentemente mobilizadas para justificar a rejeição de identidades dissidentes.

Em termos psicanalíticos, pode-se compreender que o discurso religioso opera como instância superegóica, que internaliza a lei simbólica e produz culpa diante do desejo. O conflito entre desejo e interdição — entre o eu singular e o ideal de eu social — gera sofrimento e autodepreciação, como observado nos relatos de jovens que associam sua orientação a algo “errado” ou “pecaminoso”.

Pocahy e Nardi (2023) observa que o conservadorismo religioso e o neoliberalismo moral contemporâneo reforçam o ideal de uma família “normalizada”, reiterando a exclusão das diferenças. Essa lógica heterocisnormativa, sustentada por discursos morais, transforma a religião em dispositivo de exclusão, ao invés de espaço de pertencimento. Assim, o sofrimento psíquico aparece como sintoma social da luta entre desejo e norma, entre singularidade e obediência simbólica.

Resiliência afetiva e estratégias de enfrentamento

Apesar da persistência da violência simbólica e da rejeição familiar, muitos estudos relatam a presença de estratégias de resistência e resiliência afetiva entre jovens LGBTQIAPN+ (Souza; Cruz; Fernandes, 2023; Sousa *et al.*, 2024). Essas estratégias incluem a criação de redes de apoio extrafamiliares, amizades que funcionam como “famílias escolhidas” e o engajamento em coletivos que promovem o reconhecimento da diversidade.

Sousa *et al.* (2024), ao analisarem as relações familiares de pessoas LGBTQIA+ em cárcere, destacam que a ausência de suporte familiar agrava o sofrimento psíquico, mas também impulsiona a criação de novas redes de solidariedade entre pares. Esses achados revelam que, mesmo em contextos adversos, há espaço para a construção de novas alianças e identidades coletivas.

Nessa perspectiva, o sofrimento pode ser entendido, conforme Butler (1990), como um campo de reconstrução identitária: é na vulnerabilidade que o sujeito encontra novas formas de agir e existir. A psicanálise contemporânea, ao reconhecer a plasticidade dos vínculos, contribui para compreender o potencial criativo dos processos de subjetivação que emergem da dor. Segundo Kaës (2003), as rupturas familiares, embora dolorosas, podem gerar reorganizações psíquicas e novas alianças simbólicas, capazes de sustentar o desejo e a continuidade do ser.

Assim, o reconhecimento das experiências de dor e exclusão deve ser acompanhado do fortalecimento das redes de cuidado e de políticas públicas que assegurem o direito à existência e à expressão da identidade. O apoio afetivo, mesmo que não provenha da família biológica, constitui um espaço fundamental de reparação psíquica e social.

Síntese interpretativa

A categorização proposta evidencia que o sofrimento psíquico de jovens LGBTQIAPN+ decorre de múltiplas camadas de violência — simbólica, moral e relacional —, mas também de possibilidades de ressignificação e resistência. Sob o prisma psicanalítico, é possível afirmar que a dinâmica familiar opera tanto como campo de inscrição das normas sociais quanto como espaço potencial de transformação subjetiva.

Articulando autores como Foucault, Butler, Kaës e Pocahy e Nardi, compreende-se que o sofrimento é produzido na intersecção entre os regimes de poder (Foucault), as normas performativas de gênero (Butler), as alianças inconscientes familiares (Kaës) e os discursos sociais e clínicos da diferença (Nardi). A integração desses referenciais aponta para uma abordagem que desloca a patologização da diferença e a substitui por uma clínica da escuta e do reconhecimento — uma prática que legitima as diversas formas de existir e amar.

Em síntese, a análise dos estudos revela que o enfrentamento do sofrimento psíquico de jovens LGBTQIAPN+ exige não apenas o acolhimento individual, mas também a reconfiguração simbólica da família como espaço de pertencimento e de diversidade. O desafio ético-clínico consiste em transformar o lugar da exclusão em um lugar de escuta, onde a diferença possa ser vivida como potência de vida e não como desvio.

Quadro 3 – Categorias interpretativas: Família como risco x Família como proteção

Categoria	Família como risco	Família como proteção
Violência simbólica	Rejeição, silenciamento e imposição de normas de gênero; punição do comportamento dissidente.	Abertura ao diálogo, escuta sem julgamento, reconhecimento da singularidade.
Suporte familiar	Vínculos frágeis, ausência de reconhecimento, expulsão simbólica ou física do lar.	Relações de apoio afetivo e validação identitária, promoção da autoestima e pertencimento.
Religiosidade e culpa	Uso da fé como instrumento de repressão moral e controle do desejo; sentimento de pecado e vergonha.	Religião como espaço de acolhimento ético, reinterpretada como prática de empatia e aceitação.
Resiliência afetiva	Isolamento emocional, retraimento e medo de exposição.	Formação de redes de afeto, famílias escolhidas e fortalecimento da identidade.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

A família pode ser simultaneamente agente de opressão e de proteção. A transição do papel de risco para o de cuidado requer a revisão dos pactos inconscientes (Kaës, 2003), o reconhecimento performativo da diferença (Butler, 2003) e o desmonte das estruturas normativas de poder (Foucault, 1976; Pocahy e Nardi, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permitiu constatar que a família ocupa uma posição ambígua na formação subjetiva e social dos jovens LGBTQIAPN+. Ao mesmo tempo em que pode representar o primeiro espaço de pertencimento e cuidado, também se configura como o local em que os discursos normativos de gênero e sexualidade se materializam de forma mais intensa. Os resultados indicaram que, quando a estrutura familiar está alicerçada em valores conservadores e heterocisnormativos, tende a reproduzir mecanismos de exclusão e silenciamento, gerando sofrimento psíquico, isolamento e dificuldades de constituição

identitária. Entretanto, quando a família se abre ao diálogo e ao reconhecimento, torna-se um fator essencial de proteção, promovendo saúde mental e fortalecimento da autoestima.

Sob uma perspectiva psicanalítica, esses achados apontam que o sofrimento psíquico de jovens LGBTQIAPN+ não pode ser compreendido apenas como uma experiência individual, mas como um processo relacional que emerge das alianças inconscientes e dos contratos familiares que regulam o desejo. Conforme Kaës (2003), as famílias transmitem ideais e interditos que estruturam a identidade dos sujeitos; assim, romper com essas normas pode implicar perdas simbólicas, sentimento de culpa e luto narcísico. A clínica e o trabalho psicológico com esses jovens, portanto, devem acolher a dimensão do vínculo e reconhecer a importância de reconstruir espaços de pertencimento, internos e externos à família biológica, que permitam o exercício da singularidade.

A articulação entre psicanálise e gênero oferece ferramentas teóricas valiosas para compreender a gênese desse sofrimento. Foucault (1976) contribui ao demonstrar que o poder se infiltra nas micro-relações familiares, produzindo corpos e identidades através de dispositivos disciplinares; Butler (2003) amplia essa reflexão ao propor que o gênero é performativo e se constitui pela repetição de normas sociais, que podem ser subvertidas através de novas formas de expressão. Já Pocahy e Nardi (2023) atualizam esse debate ao sugerir uma clínica política da diferença, que reconhece os efeitos do poder e da moralidade sobre a constituição do sujeito e propõe práticas terapêuticas baseadas na escuta da alteridade. Essa combinação teórica reforça a necessidade de uma abordagem interdisciplinar e crítica no campo da saúde mental.

Do ponto de vista social, o fortalecimento das políticas públicas e das redes de apoio é fundamental para transformar o sofrimento em potência de vida. Experiências como as relatadas por Souza, Cruz e Fernandes (2023) e por Sousa *et al.* (2024) evidenciam o papel das escolas, universidades e coletivos na criação de espaços de acolhimento que funcionam como famílias escolhidas. Tais redes ampliam a capacidade dos sujeitos de ressignificar a dor e reafirmar suas identidades, contribuindo para a construção de uma cultura de respeito à diversidade e de enfrentamento à LGBTfobia estrutural.

Por fim, as reflexões apresentadas reafirmam que o cuidado psicológico e social com jovens LGBTQIAPN+ deve partir do reconhecimento de que o sofrimento é histórico, simbólico e político. A superação das práticas discriminatórias requer a desconstrução dos

discursos normativos e a reconstrução de laços baseados na empatia, no amor e na escuta. A família, como instância psíquica e social, precisa ser repensada não como espaço de correção ou moralização, mas como ambiente de sustentação da diferença e da liberdade de ser. Somente a partir dessa transformação ética será possível promover saúde mental, justiça social e a plena realização do sujeito em sua multiplicidade.

REFERÊNCIAS

- BENEVIDES, Regina. Clínica e social: polaridades que se opõem/complementam ou falsa dicotomia. In: RAUTER, Cristina; PASSOS, Eduardo; BENEVIDES, Regina. (Org.). **Clínica e política: subjetividade e violação dos direitos humanos**. Equipe Clínico-Grupál, Grupo Tortura Nunca Mais - RJ. Rio de Janeiro: Instituto Franco Basaglia/TeCorá, 2002. p. 123-139.
- BOLLAS, Christopher. **As forças do destino: psicanálise e o sentido da história pessoal**. Tradução de Sérgio Telles. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- BONFIM, Juliano; MESQUITA, Marcos Ribeiro. “Nunca falaram disso na escola...”: um debate com jovens sobre gênero e diversidade. **Psicologia e Sociedade**, n. 32, p. 01-16, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/V3HY8znBRsnFzhghQGWK9jh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32192744>.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 24 fev. 2025.
- BRASIL. **Marco legal: saúde um direito de adolescentes**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.
- BUTLER, Judith Pamela. **Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARVALHO, Vanessa Azambuja de; NARDI, Henrique Caetano. A cisheteronormatividade e a diversidade dos arranjos familiares: considerações à terapia de família sistêmica. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 13, e5320, 2024. Disponível em: file:///C:/Users/notde/Downloads/RPDS+v13_5320_ES.pdf. Acesso em: 02 set. 2025. DOI: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpd.2024.e5320>.
- COSTA, Ennre Leivh Pereira. Os diversos modelos de família no Brasil e suas diferenciações. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, n. 05, 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/9986/3920>. Acesso em: 10 mar. 2025. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v9i5.9986>.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

FREITAS, Sandra; BERMÚDEZ, Ximena Pamela Díaz; MÉRCHAN-HAMANN, Edgar. Sentidos atribuídos por jovens escolares LGBT à afetividade e à vivência da sexualidade. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 30, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/3w9jBmwRyp7yzFNBy4cSpYv/>. Acesso em: 10 mar. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021190351>.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Original publicado em 1930).

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GREEN, André. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. Tradução de Carlos Mendes Rosa. São Paulo: Escuta, 1983.

GUIMARÃES, Lêda. Como formalizar um caso clínico? **ASEPHallus**, n. 3, v. 6, p. 73-83, maio-out. 2008. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/numero_06/artigo_04.htm. Acesso em: 10 mar. 2025.

KAËS, René. **O mal-estar no vínculo: clínica psicanalítica dos laços sociais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: As formações do inconsciente**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LINS, José Carlos da Silva; ALVES, Verônica de Medeiros; SANTOS, Veruska Andrea dos; SANTOS, Amuzza Aylla Pereira dos. Sofrimento mental, suporte familiar e empoderamento de pessoas transgênero. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 37, eAPE02465, 2024. Disponível em: <https://acta-ape.org/article/sofrimentomental-suporte-familiar-e-empoderamento-de-pessoas-transgenero/>. Acesso em: 03 set. 2025.

MACHIN, Rosana; GONZÁLEZ, Mar. Reconhecimento legal da homoparentalidade e ciência: uma entrevista com Mar González. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 4, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/SJgPzRCSrbr3ZCLbFcptXVB/?lang=pt>. Acesso em: 03 set. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024294.18192023>.

MATTA, Thenessi Freitas; TAQUETTE, Stella Regina; SOUZA, Luciana Maria Borges da Matta; MORAES, Claudia Leite de. Diversidade sexual na escola: estudo qualitativo com estudantes do

ensino médio do município do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, n. 37, v. 11, p. 01-13, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1350398>. Acesso em: 10 mar. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00330820>.

MENDES, Wallace Góes; SILVA, Cosme Marcelo Furtado Passos da. Homicídios da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros (LGBT) no Brasil: uma análise espacial. **Ciências e Saúde Coletiva**, n. 25, v. 5, p. 1709-1722, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/4947yK7K5JTN5sHJRKTFPvD/?format=pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025. DOI: [10.1590/1413-81232020255.33672019](https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.33672019).

OLIVEIRA, Elias Teixeira de; VEDANA, Kelly Graziani Giacchero. Suicídio e depressão na população LGBT: postagens publicadas em blogs pessoais. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, n. 16, v. 4, p. 32-38, 2020. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v16n4/v16n4a05.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.168145>.

PENÃ, Beatriz; ORELLANA, Melanie Catalina Pérez; MENA, Andrea Carolina Valenzuela; MOLINA, Javiera Paz Aros; NÚÑEZ, Paula Ignacia González; URRÁ, Sofia Alejandra Castro. Características de crianças e adolescentes com disforia de gênero quanto ao cuidado à saúde: revisão de escopo. **Revista de Enfermagem**, n. 13, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/4281/4297>. Acesso em: 10 mar. 2025.

POCAHY, Fernando Altair; NARDI, Henrique Caetano. A família está em chamas(?): razão de Estado, conservadorismo e (reconhecimento à) diferença. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 10-27, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/75296>. Acesso em: 03 set. 2025. DOI: [10.12957/epp.2023.75296](https://doi.org/10.12957/epp.2023.75296).

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Aconselhamento psicológico e psicoterapia: aproximações e distanciamentos. **Contextos Clínicos**, n. 01, v. 7, 2014. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v7n1/v7n1a02.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025. DOI: <https://doi.org/10.4013/ctc.2014.71.01>.

SILVA, José Carlos Pacheco da; CARDOSO, Rodrigo Ribeiro; CARDOSO, Ângela Maria Rosas; GONÇALVES, Renato Santos. Diversidade sexual: uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, n. 26, v. 7, p. 2643-2652, 2021. Disponível em: <https://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/diversidade-sexual-uma-leitura-do-impacto-do-estigma-e-discriminacao-na-adolescencia/18035>. Acesso em: 10 mar. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.08332021>.

SILVA, Roseane Amorim da; MENEZES, Jaileila de Araújo. Jovens estudantes da periferia urbana de Garanhuns/PE: discursos relacionados à sexualidade. **Estudos de Psicologia**, n. 26, v. 1, janeiro a março, p. 56-67, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/4947yK7K5JTN5sHJRKTFPvD/?format=pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025. DOI: <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20210007>.

SILVA, Welligton Magno da; TONDIN, Celso Francisco; QUEIROZ, Isabela Saraiva de. Dinâmicas de preconceito contra a diversidade sexual no contexto da universidade. **Psico**, Porto Alegre, n. 1, v. 54, p. 1-12, jan./dez. 2023. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/38042>. Acesso em: 10 mar. 2025. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.38042>.

SOUSA, Mateus Soares; ZAMBONI, Jésio; VENTUROTÍ, Isabella de Almeida Constantino; CRUZ, Rhânia Maria Silva; ALMEIDA, Júlio César Florencio de. Cartografias de Relações Familiares de pessoas LGBTQIA+ em cárcere. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 24, e84024, 2024. DOI: 10.12957/epp.2024.84024. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/84024/52269>. Acesso em: 02 set. 2025. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2024.84024>.

SOUZA, Ilka de Lima; LIMA, Rita de Lourdes de. Família, conservadorismo e políticas sociais no Brasil: questões para reflexão. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, n. 44, v. 17, p. 149-164, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaempauta/article/view/45219/30949>. Acesso em: 10 mar. 2025. DOI: <https://doi.org/10.12957/rep.2019.45219>.

SOUZA, Larissa Beatriz Francisca de; CRUZ, Maria de Lourdes Alves da. FERNANDES, Maria Isabel da Conceição Dias. Oficina educativa com adolescentes sobre gênero, sexo e identidade de gênero: um relato de experiência. **Revista Ciência Plural**, n. 9, v. 1, p. 01-14, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/29155>. Acesso em: 10 mar. 2025. DOI: <https://doi.org/10.21680/2446-7286.2023v9n1ID29155>.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, n. 8, v. 1, p. 102-106. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt#:~:text=introdu%C3%A7%C3%A3o:%20A%20revis%C3%A3o%20integrativa%20%C3%A9%20estudos%20significativos%20na%20pr%C3%A1tica>. Acesso em: 17 mar. 2025.

Recebido em: Maio/2025.

Aprovado em: Novembro/2025.